

Jorge Werthein

UNESCO do Brasil
E-mail werthein@unesco.org.br

Palestra de abertura do Seminário
Cultura e Paz : violência, política e representação nas Américas

Austin, 23 de março de 2003

É com prazer e grande interesse pelas discussões que aqui se realizarão, que a Representação da UNESCO no Brasil se associou ao Teresa Lozano Long Institute e à Associação Arte sem Fronteiras para a realização deste seminário. Mais do que uma frase gentil, esta é, antes de tudo, nossa maior expectativa: - obter dos especialistas aqui reunidos contribuições para o nosso trabalho e as nossas indagações.

O “Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento”, publicado pela UNESCO em 1995, reflete sobre a diversidade de sentidos e a multiplicidade de formatações da cultura, debatendo-a por possibilidades, tanto como um como instrumental para o desenvolvimento, quanto como um fim em si, expressão de medos, fantasias, desejos, formas de ser e sentir. Defende sua potencialidade para o re-encantamento do mundo, para a construção de uma cultura de paz, o exercício da liberdade criativa em favor de coletividades e de projetos de civilização antagônicos à violências.

Mas estou certo de que, para avançarmos, dependemos cada vez mais de compreender e abordar a violência enquanto um fenômeno cultural. Sabemos quão limitado e insuficiente é circunscrevê-la apenas à criminalidade, ainda que esta seja uma das suas mais cruéis representações. Ou colocá-la em uma redoma, na condição de uma anomalia social. Ou ainda, reproduzir esta mesma lógica simplificadora para a escala do indivíduo e acreditar que *violentos são os outros*. É preciso decifrar os meandros da geração de violência dentro do tão idealizado universo familiar, onde está, certamente, uma das mais importantes matrizes culturais das agressões contra a mulher e contra a criança, da discriminação contra negros e de homossexuais. É preciso estar atento para compreender que no espaço privado, a violência vai sendo sutilmente construída e introjetada nas nossas mentes, para se converter em fonte de nossas crenças e atitudes.

Por seu turno, o poder da mídia hoje nos vende a violência sob forma de espetáculo e, ao nos oferecer a possibilidade da indignação e da compaixão, ajuda a aplacar a nossa consciência. Ao

consumirmos as imagens do Mal, podemos nos sentir confortavelmente posicionados do lado do Bem.

Ainda que o foco deste seminário esteja dirigido para a América Latina, sabemos que este é hoje um problema mundial. Desnecessário dizê-lo nesta semana em que a guerra está sendo apresentada ao Mundo como alternativa de construção da Paz. Do ambiente global ao cotidiano das nossas cidades, sua representação se materializa em muros, cercas elétricas, *graffitis*, depredações e segregações espaciais.

A preocupação tem fundamento e está generalizada entre as classes sociais. Mas, pelo que mostram as estatísticas no Brasil, as classes que mais a formulam são as menos atingidas, ou seja, a segurança comparece como o primeiro item dentre os problemas mencionados pela população das áreas mais seguras das nossas cidades. Assim como o acesso aos bens culturais, só que na proporção inversa, a violência também não atinge as pessoas da mesma forma.

No Brasil, estamos falando de números da ordem de 21 homicídios por 100 mil habitantes no ano 2000, inferiores apenas aos da Colômbia. Sabemos que as vítimas são principalmente jovens, pobres, negros e moradores de periferias. Dentre os jovens esse número salta para 52 homicídios por 100 mil, ficando a violência como a responsável por 40% das causas da morte dessa faixa etária da população brasileira. Em algumas regiões metropolitanas chega-se a mais de 50%. O fenômeno é de tal proporção que já se refletiu na estrutura demográfica, a ponto de termos hoje um déficit de jovens do sexo masculino entre 15 e 24 anos.

Desde 1997, a UNESCO/Brasil vem pesquisando e analisando a vitimização juvenil no Brasil e comparando-a com cerca de 60 países do mundo. Esses estudos, consolidados em fevereiro de 2002 sob o título de Mapa da Violência III, apresentam séries evolutivas e detalhada distribuição regional, possibilitando a formatação de novas políticas públicas, especialmente as voltadas para a Juventude. Dentre as executadas pela própria Organização, destaca-se o projeto de abertura de escolas nos fins de semana, implantado em algumas das regiões metropolitanas mais violentas do país, no caso, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Nesses locais, em parceria com a rede de ensino e com ong's, os edifícios escolares são abertos, nos fins de semana, para atividades de cultura, lazer e esporte, estabelecendo novos laços dentre os membros daquela comunidade, oferecendo possibilidades de novos aprendizados e de acesso a cultura.

Às inúmeras causas de natureza social, pertencentes ao campo das necessidades, somam-se, no plano individual e simbólico, no caso dos jovens, as motivações de natureza cultural – o desejo

de levar vantagem, de afirmação de coragem e a possibilidade de protagonismo diante de uma vida sem propósito. Mais do que uma guerra entre quadrilhas que, durante 10 anos, em apenas em um dos subúrbios do Rio de Janeiro, matou mais de 700 jovens entre 13 e 25 anos, o filme *Cidade de Deus* mostra uma trajetória de degradação. Iniciada nos anos 1960, com pequenos delitos, ainda minimizados pela vergonha diante da família e da comunidade, pelo medo do pai e da polícia, quando crimes passionais ainda eram os que mais chocavam, a história da Cidade de Deus evolui, com a introdução do tráfico de drogas, para um desfecho assustador. Num *crescendo* de recrutamento, pelo tráfico, de gente cada vez mais jovem, a saga se encerra com as crianças assumindo o controle da área e partindo para uma brincadeira sem volta com a morte.

No caso do Brasil, que encontra analogia com o restante da América Latina, a urbanização acelerada e sem planejamento, que transformou um país que era 70% rural nos anos 1950, em um outro país, 70% urbano, nos anos 1970, certamente explica muito do problema. Mais uma vez, o processo destruição das relações e dos códigos culturais de migrantes - negros, índios, mestiços e camponeses - está no seu cerne.

Outro determinante, certamente compartilhado com a América Latina, embora nossos níveis sejam os mais graves, é a desigualdade social. Não simplesmente a pobreza, mas a desigualdade. É sabido que vários países muito pobres apresentam índices de violência bastante reduzidos. A convivência e o confronto entre riqueza e pobreza parecem dilacerar as relações sociais e abrir caminho para a violência. É como se todos fossem convidados para a grande festa do consumo, mas apenas uns poucos conseguissem entrar no salão.

No entanto, não podemos, com estas constatações, correr o risco do imobilismo. O imobilismo que caracterizou por muito tempo o pensamento das Ciências Sociais ao remeter todos os problemas para a questão social e acreditar que somente mudanças estruturais os resolveriam. A redução da criminalidade e violência deve ser atacada por frentes múltiplas e não pode esperar.

Essa certeza tem nos movido, na UNESCO/Brasil, para buscar permanentemente a articulação com governos e setores da sociedade tanto na identificação dos problemas quanto em programas e projetos, que vem trabalhando a relação entre os aspectos de gênero, discriminação, juventude e violência. Uma série de projetos, no plano da arte, da criação, do Hip Hop—produção artística de crítica social de jovens de áreas de periferia--vêm significando alternativas ao engajamento dos jovens no crime organizado. Alternativas a serem exploradas no debate contra a violência.

Estamos diante de uma grande complexidade de fatores e, ao refletir sobre a relação entre Cultura e Violência não podemos deixar de refletir sobre Valores. Não está longe o tempo em que a garantia do convívio social e da harmonia do espaço público esteve baseada na disciplina do trabalho e na disciplina da família. O progresso técnico, ao eliminar postos de trabalho, e a ideologia do consumo, ao se sobrepor a valores, investem contra ambos. Desequilibram a vida privada e esvaziam a vida pública. Somos hoje uma elite sem causa, enclausurada e narcisista. Como reflete a pesquisadora Ana Maria Ochoa, em sua passagem pelo Brasil em 2002, uma elite que precisa, urgentemente, *dar programa à esperança*.

Precisamos re-investir socialmente na idéia do *próximo*, que hoje só parece existir nas relações privadas. O Brasil, que por muito tempo cultivou o mito da cordialidade racial e social, hoje se depara com um rol de indicadores sociais que escancaram um retrato cruel da realidade da população afro descendente. Uma construção histórica de violência, da escravidão ao coronelismo, socialmente tolerada e justificada pela Igreja, pelo Estado e até por segmentos respeitáveis da intelectualidade.

Riscos relacionados à falta de compreensão do que seja a dimensão cultural da violência surgem quando buscamos soluções. O senso comum sempre defende a sua redução por meios violentos, legitimando o uso da violência contra a violência. Pesquisas da Universidade de São Paulo mostram que a população opina, em grande proporção, por atirar em suspeitos ou por revistar pessoas conforme sua aparência. No plano pessoal, considera justo agredir aquele que ofender a mãe ou a namorada ou duvidar da masculinidade do interlocutor. Corolário dessas idéias é a de que “quem defende direitos humanos está do lado dos bandidos”

Ao contrario, apesar de lentos e de não dispensarem o aprimoramento de aparelho repressivo, os processos sustentáveis de declínio da violência estão sempre associados a métodos não violentos: - ao aprimoramento do sistema judiciário, da educação pública, dos direitos civis, da cidadania, da democracia, assim como à valorização dos espaços comuns. Pautados por esta convicção, os movimentos sociais no Brasil tendem, cada vez mais, à discussão de uma agenda positiva, com propostas que vão da inclusão da juventude pobre e às campanhas de desarmamento.

Nosso trabalho no Brasil tem nos mostrado, na prática, a cultura como possibilidade de reconstrução social e de convivência. Precisamos permanentemente inventar novas práticas, novas linguagens, novas modalidades. Precisamos de determinação para contribuir com a construção de novas formas de sociabilidade diante da fragmentação individualista do mundo. Novos agentes, novas

sensibilidades, novas alianças. Contamos com todo o esforço dos pesquisadores deste encontro e estamos ansiosos pelas seus resultados. Obrigado pelo convite e pela possibilidade da parceria.

Jorge Werthein

Representante da UNESCO no Brasil